

Templo abençoado pelo Papa

Quem já ouviu falar na Igreja de Nossa Senhora dos Alagados ouviu dizer, também, que fica no bairro de Régis Pacheco, numa comunidade tão pobre como nenhuma outra em Salvador. A igreja, inaugurada com a bênção do Papa João Paulo II, em 1980, quando da sua visita ao Brasil e à Bahia, é de uma imponência ímpar e do alto da colina onde está localizada pode-se imaginar o que, de fato, representa para a comunidade. Considerada como ponto turístico por um breve espaço de tempo, a Igreja dos Alagados, como é mais conhecida, é o que de maior destaque positivo existe no bairro.

Erguida em meio aos milhares de barracos sob palafitas e num estilo totalmente novo para a época, a Igreja dos Alagados, única no Brasil abençoada pelo Papa, se intimida diante da ação dos marginais e vândalos que utilizam a parte externa para sessões de drogas e reuniões de desocupados. Subir no alto da colina para uma visita às dependências do templo católico, cujos vitrais se en-

contram totalmente destruídos, bem como todas as lâmpadas dos postes, é uma tarefa difícil e que implica em sérios riscos. A qualquer momento pode surgir um marginal em meio ao matagal que chega a atingir um metro de altura nas paredes.

Nem mesmo o crucifixo colocado no ponto mais alto esteve livre da depredação: das doze lâmpadas distribuídas em forma de cruz, apenas duas estavam inteiras e as pessoas asseguram que não acendem mais. Mato, lixo, lama, pedras e um descaso total predominam na parte eterna da Igreja de Nossa Senhora dos Alagados, construída na totalidade com tijolos vermelhos aparente e vitrais multicoloridos que já não existem mais. Ir à missa à noite nem pensar. Percorrer o trajeto escuro e sob a mira dos marginais é algo difícil e que precisa muita coragem. Os moradores afirmam que, neste caso, é bastante reduzido o número de fiéis que se dispõem a enfrentar o matagal para subir até a igreja.

Chico lembra tempo em que tudo era favela

Numa comunidade onde existem milhares de pessoas de todas as idades seria impossível precisar o nome de algumas delas. No entanto, em Régis Pacheco, onde os problemas são inúmeros e também comuns, os moradores parecem memorizar uns aos outros de forma individual. Exemplo disso é Francisco Aguiar dos Santos, 42, mais conhecido como "Chico". Apontado por muitos como um dos fundadores do local há 27 anos e procedente de Valença, Chico contou que muita coisa mudou no bairro, entretanto, as dificuldades continuam sendo enfrentadas pela própria comunidade que não se cansa de realizar alguns melhoramentos visando o bem comum de todos.

Casado e pai de quatro filhos, Chico lembrou que, ao chegar para a capital, vindo de Valença, não tinha um local para morar, até que resolveu levantar um barraco sob palafitas, onde terminou por constituir sua família. Uma referência da época, contudo, era o entulho jogado no bairro na parte da frente, ou seja, onde hoje está instalada a sinaleira da Régis Pacheco. "Tudo aqui era favela" - contou - "e no lugar da igreja havia apenas três casas". A população atual do bairro, segundo depoimento de Chico, foi formada ao longo dos anos e o quadro visto hoje é um reflexo do aprofundamento dos níveis da pobreza nos últimos 10 anos, sem oferta de moradia para o povo.

"As pessoas chegavam e, imediatamente construam seus barracos, apesar dos sérios riscos com a maré que invadia os barracos e ruas" - disse Chico.